

# SINGULARIDADE E PROCESSOS DE INDIVIDUAÇÃO: A QUESTÃO DO INDIVÍDUO EM SPINOZA

HENRIQUE LIMA DA SILVA \*

*Qu'est-ce que l'homme dans l'infini?*<sup>1</sup>

(Blaise Pascal – *Pensamentos*)

## INTRODUÇÃO

O presente texto procura explorar a complexa tarefa de reconciliar na filosofia de Benedictus de Spinoza (1632/1677) a noção de individualidade, sujeito e subjetividade. Discute como comentadores e leitores do spinozismo enfrentaram desafios em encontrar respostas dentro do próprio sistema de Spinoza, muitas vezes recorrendo a termos externos ou acusações de insuficiência. A crítica se concentra na *res singulares* e sua relação com o panteísmo, que parece limitar a existência de indivíduos reais. Para isso, abordemos a dificuldade de construir um conceito de sujeito no contexto spinozano, onde o método sintético é usado para demonstrar a filosofia. A ordem sintética torna problemática a introdução de subjetividade na *Ética*<sup>2</sup>, já que Deus é condição primeira e o homem é deduzido conforme as propriedades de Deus. A visão de Deleuze sobre a dimensão infinita do indivíduo é explorada, juntamente com a relação entre os conceitos de modo, relação e potência. Entendendo a complexidade do indivíduo como uma unidade composta por várias partes, sua relação com a infinitude e o conceito de potência.

\* Doutorando em filosofia UFC. Membro do GT Benedictus de Spinoza.

1 “O que é o homem dentro do infinito?”.

2 Para a citação das obras de Spinoza, utilizaremos as siglas **TTP** para o *Tratado Teológico-Político*; **TP** para o *Tratado Político*; **Ep** para as *Cartas* e **E** para a *Ética*. Quanto às citações referentes às divisões internas do *Tratado Político* e do *Tratado Teológico-Político*, utilizaremos algarismos romanos para as grandes divisões (Partes ou Capítulos) e algarismos arábicos para as subdivisões (parágrafos ou outras); já para as citações internas da *Ética*, indicaremos a parte citada em algarismos romanos, seguida da letra correspondente para indicar as definições (Def), axiomas (A), proposições (P), prefácios (Pref.), demonstração (Dem), corolários (C) e escólios (Esc), com seus respectivos números.

## PRESSUPOSTOS DO PROBLEMA: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NO SPINOZISMO

Pensar a noção de individualidade, sujeito ou mesmo algo que remeteria a uma subjetividade constituída por um Eu conforme a filosofia spinozana parece uma tarefa um tanto difícil que alguns comentadores ou mesmo leitores do spinozismo<sup>3</sup>, tentaram buscar e quando não encontrado a devida resposta no próprio sistema valeram-se de outros conceitos estranhos ao próprio sistema de Spinoza ou mesmo a acusação de insuficiência. Isso não se resume pela falta de um conceito ainda não alcançado pelos filósofos modernos como é no caso do Eu<sup>4</sup> cartesiano, mas como que, pelo próprio sistema spinozano, podemos erigir a figura de um sujeito. Tal crítica é representada fundamentalmente ao conceito da *res singulares* no spinozismo por sua impossibilidade de existência, isto é, tendo como pano de fundo um panteísmo, onde não poderia haver a existência dos indivíduos reais, ora Deus no sistema seria tudo aquilo que existe de forma real (Chauí, 2016, p. 15). Chauí resume muito bem tal problema nas seguintes palavras:

Iniciada com Henry More, Malebranche, Leibniz e Bayle, essa tradição foi reforçada por Kant e Hegel e mantida, com variações, até os

3 Hegel também é um dos leitores que, aos seus olhos, o spinozismo mantém alguma insuficiência ao tratar a questão do indivíduo. Dentre as críticas hegeliana está a impossibilidade de uma singularidade autoconsciente que tem como base sua fundamentação na substância. Cf “A crítica de Hegel a Spinoza não reside, contudo, em afirmar que o autor da *Ética* não tenha buscado afirmar a singularidade/individualidade, fazendo-o certamente justo sob a categoria do *modo finito*; mas sim, antes, que há uma impossibilidade categorial de uma afirmação legítima, fundamentada, da singularidade/individualidade *autoconsciente* se se toma por base a compreensão spinozana de substância, atributos e modos” (AQUINO, Emiliano Fortaleza de, *Diferença e singularidade* Notas sobre a crítica de Hegel a Spinoza, *Revista Conatus*, Fortaleza, V. 1, n. 2, p.28. Acesso em 03/02/2023.

4 A formulação de um Eu é tributária a uma origem cartesiana.

dias de hoje, pois ao lado daqueles que julgam a filosofia espinosana incapaz de demonstrar a realidade dos seres singulares, até mesmo os intérpretes – que admitem a existência das coisas singulares na filosofia de Espinosa – julgam sua demonstração problemática. De fato, os primeiros consideram que a diferença de natureza entre a substância absolutamente infinita e os modos finitos não permite que ela seja causa eficiente imanente deles, pois não pode transmitir-lhes sua própria essência, porque se o fizesse, os transformaria em substâncias; e, entre nossos contemporâneos, alguns chegam a sugerir que a única maneira de garantir a existência seres singulares seria abandonar o conceito espinosano dos atributos de Deus e conservar apenas os conceitos de substância e modo. Assim, se para uns a impossibilidade dos seres singulares decorre da afirmação espinosana da existência de uma única substância absolutamente infinita – causa eficiente imanente de todos os seus efeitos -, parar outros, a dificuldade encontra-se na impossibilidade de passar do ser absolutamente infinito aos seres finitos singulares, se essa passagem for efetuada pela potência dos atributos da substância.<sup>5</sup>

Para tanto, Spinoza utiliza do método sintético para demonstrar a sua filosofia. O método sintético tem como princípio básico: iniciar-se das coisas mais gerais (a substância) para se chegar nas coisas particulares (os modos e as singularidades). Assim, o método consiste em partir prioritariamente, conforme a sua ordem, dos seus axiomas e definições, que representam aquilo de mais geral dos seus princípios.

Nesse sentido, podemos entender que pela própria ordem sintética, falar de uma subjetividade ou mesmo de um Eu na *Ética* seria entrar em contradição na própria ordem de exposição. Onde, a condição primeira é Deus, objeto da primeira parte da *Ética*. E o homem só será deduzido conforme as propriedades da essência Deus, ou seja, de seus atributos e das suas infinitas expressões, objeto da EII. No entanto, não como um Eu ou mesmo como uma subjetividade privilegiada em todo o sistema<sup>6</sup>, mas antes como modo finito efeito dos processos infinitos de Deus ou da natureza, assim como podemos deduzir a partir da parte II da *Ética*.

5 Chauí, 2006, p.15/16.

6 Tal como é demonstrado no Apêndice da EI na crítica a noção do homem como um império (o homem) em um outro império (a natureza).

Os comentadores, no esforço de explicarem como no âmago do sistema spinozano surge os elementos constitutivo de um sujeito, recorreram em terminologias estranhas ao próprio spinozismo, como é o caso de Etienne Balibar<sup>7</sup>, que para encontrar um conceito de comporte bem ao sistema buscou uma nova terminologia – transindividualismo – conceito inicialmente trabalhado por Gilbert Simondon (1924/1989). O homem em Spinoza tem a sua primeira formulação conforme os conceitos da sua metafísica, sendo os conceitos de atributo, modo e singularidade.

#### A NOÇÃO INFINITISTA DO HOMEM: UMA UNIDADE COMPLEXA

Dessa forma, o homem compreende-se como uma expressão finita dos atributos de Deus, neste caso, os modos mente e corpo. Ou seja, numa primeira vista, o homem é um modo finito da substância que possui uma dupla causalidade dos atributos pensamento e extensão. Ele é também é uma singularidade, junção ou melhor a composição de várias partes tanto pelo conjunto de indivíduos que compõe o seu corpo como também pelo conjunto de ideias que compõe a sua mente. Ou seja, o homem é uma unidade complexa. É sob esse ponto de vista que Deleuze entende as diferentes dimensões do homem a partir do conceito de infinito na formulação da noção infinitista do indivíduo no spinozismo (Deleuze, 2009, p. 181).

Nesse sentido, a partir de sua complexidade, em todas as dimensões, o indivíduo se apresenta em três formas: modo, relação e potência. Sob essas três dimensões temos diferentes características. Como relação, o indivíduo envolve todo um sistema de composição. Das relações características de cada corpo que pode se compor ou se decompor com outros corpos, e o que mantém um corpo sob sua relação característica? É uma proporção de movimento e repouso que compõe e conserva a singularidade daque-

7 Cf " O melhor termo que posso encontrar é transindividualidade. Ele foi sugerido a mim um tempo atrás por várias discursões e leituras, mas mais recentemente fiquei surpreso ao descobrir que esse termo especificamente, com uma completa definição e implementação teórica, foi usado por um filósofo francês, Gilbert Simondon". Balibar, Étienne, Spinoza: Da individualização à transindividualização, *Modernos&contemporâneos*, São Paulo, v. 2, n. 4, 13/239, Jul/Dez, 2018. Acesso em: 05/04/2023.

le corpo.<sup>8</sup> Um indivíduo é composto por uma variabilidade de partes que conforme a definição das coisas singulares (*res singulares*) podemos entender que pelas diversas partes, temos a constituição de uma singularidade enquanto responsáveis por uma única ação.

Por coisas singulares compreende aquelas coisas que são finitas e que têm uma existência determinada. E se vários indivíduos contribuem para uma única ação, de maneira tal que sejam todos, em conjunto, a causa de um único efeito, considerando-os todos, sob este aspecto, como uma única coisa singular (Def7EII).

Além da proporção de movimento e repouso de cada corpo, o que mantém a relação entre vários indivíduos enquanto responsáveis pela constituição de uma coisa singular, de tal maneira que todos os indivíduos, por uma relação de mutualidade, sejam responsáveis pela constituição de uma só coisa singular, é ação mútua e coletiva de todas as partes. Segundo esse princípio, sempre poderemos conceber um indivíduo maior desde um simples organismo até o mais complexo do mais alto grau de com-

8 É importante ter em mente os seguintes axiomas e lemas referentes as propriedades e leis dos corpos presentes na proposição 13 da EII, que nos mostra: Todos os corpos estão ou em movimento ou em repouso (A1P13EII). Todo corpo se move ora mais lentamente, ora mais velozmente (A2I3EII). Os corpos se distinguem em si pelo movimento e pelo repouso, pela velocidade e pela lentidão, e não pela substância (L1P13EII). Todos os corpos estão em concórdância quanto a certos elementos (L2P13EII). Um corpo, em movimento ou em repouso, deve ter sido determinado ao movimento ou ao repouso por outro, o qual, por sua vez também foi determinado ao movimento ou ao repouso por um outro, e este último, novamente por outro e, assim, sucessivamente, até o infinito (L3P13EII). Se alguns corpos que compõe um corpo – ou seja, um indivíduo composto de vários corpos – dele se separam e, ao mesmo tempo, outros tantos, da mesma natureza, tomam o lugar dos primeiros, o indivíduo conservará sua natureza, tal como era antes, sem qualquer mudança de forma (L4P13EII). Se as partes que compõe um indivíduo tornam-se maiores ou menores, mas numa proporção tal que conservam, entre si, como antes, a mesma relação entre o movimento e repouso, o indivíduo conservará, igualmente, sua natureza, sem qualquer mudança de forma (L5P13EII). Se algum dos corpos que compõe um indivíduo forem forçados a desviar o seu movimento de uma direção para outra, mas de tal maneira que possam continuar seus movimentos e transmiti-los entre si, na mesma proporção de antes, o indivíduo conservará, igualmente, sua natureza, sem qualquer mudança de forma (L6P13EII). Um indivíduo assim composto conserva, além disso, sua natureza quer se mova em sua totalidade ou esteja em repouso, quer se mova nesta ou naquela direção, desde que cada parte conserve seu movimento e o transmita às demais, tal como antes (L7P13EII).

posição de uma coisa singular. Como exemplo, da constituição desses indivíduos compostos por vários outros indivíduos e que ainda assim mantém sua natureza. No 2 escólio da proposição 13 da EII Spinoza aventa a possibilidade de concebermos três gêneros de indivíduos.

#### GÊNEROS DE INDIVÍDUOS E SINGULARIDADE

O primeiro gênero de indivíduo, sendo composto tão somente de corpos simples, os corpos desse indivíduo se distinguem entre si somente pelo movimento e repouso, pela velocidade e pela lentidão. O segundo gênero de indivíduo, composto por vários indivíduos de natureza diferente mesmo sendo afetado de muitas maneiras ele ainda conserva sua natureza. O terceiro gênero de indivíduo, composto, por sua vez, por indivíduos do segundo gênero podendo ser afetado de muitas maneiras, sendo assim, sem que haja alguma mudança em sua natureza. E dessa forma, tal como concebemos os três gêneros de indivíduos, progredindo até o infinito, podemos conceber a própria natureza em sua plenitude constituída como um só indivíduo, por uma complexidade imensa de indivíduos de primeiro e segundo gênero, cada uma de suas partes variam de infinitas maneiras por sua capacidade de afetar e ser afetada por outras partes sem, no entanto, alterar sua natureza como um só indivíduo inteiro.<sup>9</sup>

Desta feita, a relação, por sua vez, implica em uma noção de infinito, tal compreensão do infinito diz respeito a uma convenção matemática do infinitamente pequeno. A relação implica necessariamente o infinito enquanto infinitamente pequeno que se trata da relação diferencial entre quantidades infinitamente pequenas. Com isso, podemos dizer que algo de finito comporta uma infinidade a partir de uma certa relação (Deleuze, 2009, p. 185).

É sob essa relação que no finito é possível comporta o infinito. Em qualquer coisa que seja, em sua menor dimensão finita, temos o infinito sob uma certa relação. Como observou Deleuze, quando a modernidade evoca da existência de Deus se trata, sobretudo, pela valorização dos conceitos implicados de relação, infinito e limite. O indivíduo finito é marcado também pelo limite, no entanto, isso não quer dizer que haja uma negação do infinito e muito menos a ne-

9 Cf EscP13EII.

gação das relações que compõe os indivíduos. Se por um lado há um limite que demarque a finitude do indivíduo há também uma atividade do infinito de uma determinada ordem que envolva a relação<sup>10</sup>.

Explicamos como o indivíduo é um modo e como ele é também relação, além disso o indivíduo também é potência. Cada coisa singular, enquanto parte de Deus, é parte também de sua potência. Nesse sentido, cada coisa tem uma potência que lhe é intrínseca. Cada coisa singular expressa sua potência como forma de perseverar em seu ser que o seu *conatus* e sua capacidade de afetar e ser afetado (Stern, 2016, p 109). As coisas externas interagem com o indivíduo causando-lhe variações de intensidades de sua potência. Por meio dos afetos, temos a transição do aumento e diminuição da nossa potência mediada por nossa condição de afetar e ser afetado.

O homem sendo uma potência, está inserido numa relação de graus com níveis de transições do maior para um menor grau, bem como do menor para um maior grau. Dessa forma, como assinalou Stern<sup>11</sup>, na relação com a absoluta imanência, essência e forma são indissociáveis, ou seja, a potência do homem enquanto aumento do seu grau ou mesmo a diminuição da mesma não quer dizer em uma mudança de essência, tal como Spinoza afirma no prefácio da EIV<sup>12</sup>, pois a essência em Spinoza não é uma concepção transcendente que pode se materializar ou não na existência da coisa singular, a essência só existe enquanto forma efetiva.

## CONCLUSÃO

Do que foi dito, podemos chegar as seguintes conclusões, complexa análise da filo-

sofia spinozana em relação à noção de individualidade e subjetividade revela um intrincado desafio de conciliar o sistema de Spinoza com a compreensão tradicional de sujeito. A busca por uma resposta dentro do próprio sistema muitas vezes levou a termos estranhos ou acusações de inadequação. O confronto entre a res singulares, o panteísmo e a estrutura sintética da demonstração spinozana torna evidente a delicada interação entre a existência dos seres singulares e a concepção monista da filosofia de Spinoza. Essa tensão entre o indivíduo finito e a imanência divina ressalta a profundidade da investigação filosófica e a persistência dos desafios interpretativo dos comentadores.



10 Deleuze nos dá o seguinte exemplo para entender essa atividade do infinito no finito: “ É uma estranha visão do mundo. Eles não somente pensam assim, eles veem assim. Era seu gosto, era sua maneira de tratar as coisas. Quando aparecem os microscópios, eles veem aí uma confirmação: o microscópio, é o instrumento que nos dá o pressentimento sensível e confuso dessa atividade do infinito sob a relação finita” (Deleuze, 2009, p. 186).

11 Stern, 2006, p. 109.

12 Cf “ [...] quando digo que alguém passa de uma perfeição maior para uma maior, ou faz a passagem contrária, não quero dizer que de uma essência ou forma se transforme em outra (com efeito, um cavalo, por exemplo, aniquila-se, quer se transforme em homem, quer em inseto). Quero dizer, em vez disso, que é a sua potência de agir, enquanto compreendida como sua própria natureza, que nós concebemos como tendo aumentada ou diminuída (Pref. EIV) ”.

## REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Política**. Tradução de Nestor Silveira. 2. ed. Bauru/São Paulo: Edipro, 2009.
- AURÉLIO, Diogo Pires. **Imaginação e poder: estudos sobre a filosofia política de Espinosa**. Lisboa: Edições Colibri, 2000.
- AQUINO, Emiliano Fortaleza de, Diferença e singularidade Notas sobre a crítica de Hegel a Spinoza, *Conatus*, Fortaleza, Vol,1N2, p.28. Acesso em 03/02/2023.
- BOBBIO, Norberto. **Thomas Hobbes**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- BALIBAR, Étienne, *Spinoza: Da individuação à transindividuação*, **Modernos & contemporâneos**, São Paulo, v. 2, n. 4. 13/239, Jul/Dez, 2018.
- CHAUÍ, Marilena. **A Nervura do Real: imanência e liberdade em Espinosa**. v. 1 (Imanência). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CHAUÍ, Marilena. **Espinosa: poder e liberdade**, p. 129, 2006. Disponível em: [http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/06\\_chauí.pdf](http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/secret/filopolmpt/06_chauí.pdf).
- CHAUÍ, Marilena. **A Nervura do Real: imanência e liberdade em Espinosa**. v. 2 (Liberdade). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- CHAUÍ, Marilena. **Desejo, Paixão e Ação na Ética de Espinosa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CHAUÍ, Marilena. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995. (Coleção Logos).
- CHAUÍ, Marilena. **Ser Parte e Ter Parte: serviço e liberdade na Ética IV**. Disponível em: [www.revistas.usp.br/discurso/article/download/](http://www.revistas.usp.br/discurso/article/download/). Acesso em: 13 out. 2014.
- CHAUÍ, Marilena. **O fim da Metafísica: Espinosa e a ontologia do necessário**. In: *Spinoza: Quarto colóquio*. Córdoba (Arg.): Brujas, 2008.
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: uma filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão técnica de Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. **Curso sobre Spinoza** (Vincennes, 1978, 1981). Tradução de Emanuel Angelo da Rocha Frago, Francisca Evelina Barbosa de Castro, Hélio Rebello Cardoso Junior e Jefferson Alves de Aquino. Fortaleza-Ce: EDUECE, 2012. (Col. *Argentum Nostrum*).
- DELEUZE, Gilles. **Spinoza et le Problème de l'Expression**. Paris: Minuit, 1968.
- FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. As definições de causa sui, substância e atributos na Ética de Benedictus de Spinoza. **Revista Crítica**, v. 2, n.1 Londrina: jun. 2001.
- FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. **Biblioteca do Spinoza**. Disponível em: <http://www.benedictusdespinoza.pro.br/biblioteca-do-spinoza.html>. Acesso em: 10 jul. 2016.
- FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. **O conceito de Liberdade na Ética de Espinosa**. *Revista Philosophica*. 27. ed. Lisboa: Filosofia da Cultura, 2006.
- FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. **O método geométrico em Descartes e Spinoza**. Fortaleza: EdUECE, 2011. (Coleção *Argentum Nostrum*).
- HOBBS, Thomas. **Leviatã: ou matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Tradução e notas de João Paulo Monteiro e Maria Beatriz Nizza da Silva. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Col. Os Pensadores).
- MUNAR, Miquel Beltrán. **Affectus y Servitudo em la Ethica de Spinoza**. Taula (UIB) Número 9, 1988.
- NICOLA, Maquiavel. **O príncipe**. Tradução de Lívio Xavier. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção *Os Pensadores*).
- SANTIAGO, Homero. O problema da superstição no espinosismo. In: *Ética e Subjetividade*. Emanuel Angelo da Rocha Frago, Reginaldo da Costa (Org). Fortaleza: EdUECE, 2011. (Coleção *Argentum Nostrum*).
- SPINOZA, Benedictus de. **Breve Tratado**. Tradução e Notas de Emanuel Angelo da Rocha Frago e Luis César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção *Filo/Espinosa*).
- SPINOZA, Benedictus de. **Correspondência** (Cartas 2, 4, 12, 21, 32, 34 e 50). Trad. e org. de Marilena de Sousa Chauí. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 365-391. (Coleção *Os Pensadores*).

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Edição bilíngue Latim-Português. Tradução: Grupo de Estudos Espinosanos. Coordenação: Marilena Chauí. São Paulo: Edusp, 2015.

SPINOZA, Benedictus de. **Obra Completa I:** Breve Tratado e Outros Escritos. Tradução de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Obra Completa II:** Correspondência Completa e Vida. Tradução de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Obra Completa III:** Tratado Teológico-Político. Tradução de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Obra Completa IV:** *Ética e Compêndio de Gramática da Língua Hebraica*. Tradução de J. Guinsburg, Newton Cunha e Roberto Romano. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Opera Posthuma:** *im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften*. Carl Gebhardt (Org.). Heidelberg: Carl Winter, 1925. Republicada em 1972. Milano: Edição Eletrônica por Roberto Bombacigno e Monica Natali, 1998. 1 CD-Rom.

SPINOZA, Benedictus de. **Opera Posthuma:** *quorum series post praefationem exhibetur*. S.l. [Amsterdam]: s. n. [Rieuwertsz]. Reedição da *Opera Posthuma*, Amsterdam, de 1677 com reprodução fotográfica integral. Editado por Pina Totaro, prefácio de Filippo Mignini. Macerata: Quodlibet de 2008.

SPINOZA, Benedictus de. **Pensamentos Metafísicos, Tratado da Correção do Intelecto, Ética, Tratado Político e Correspondências**. Trad. de Marilena de Sousa Chauí. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Coleção Os Pensadores).

SPINOZA, Benedictus de. **Princípios da Filosofia Cartesiana e Pensamentos Metafísicos**. Tradução de Homero Santiago e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. (Coleções Filô).

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado da Reforma da Inteligência**. Tradução, introdução e notas de Lívio Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Político**. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. **Tratado Teológico-Político**. Tradução, introdução e notas de Diogo Pires Aurélio. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Stern, Ana Luiza Saramago. **A imaginação no poder: obediência política e serviço em Espinosa**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

